

"APRENDER É ENVELHECER", DE SÓLON

Bruno Andrade da Gama

A sociedade impõe à imensa maioria dos velhos um nível de vida tão miserável que a expressão "velho e pobre" constitui quase um pleonasmo (Simone de Beauvoir).

Será que existe idade para aprender? Essa é a pergunta que está no coração de muitas pessoas que desejam retornar para a sala de aula depois de determinada idade. Para Sólon, estadista, legislador e poeta grego antigo, o avançar da velhice não é um empecilho para a aprendizagem; pelo contrário, na percepção do poeta grego, quanto mais se avança em anos, mais se aprende (BEAUVOIR, 1990; SANTOS, 2001).

Na contramão desse pensamento, o primeiro texto sobre envelhecimento escrito no Egito pelo filósofo e poeta Ptah-Hotep comenta a velhice de modo pouco favorável, conforme citado em Beauvoir (1990, p. 114),

Quão penoso é o fim do ancião! Vai dia a dia enfraquecendo: a visão baixa, seus ouvidos se tornam surdos, o nariz se obstrui e nada mais pode cheirar, a boca se torna silenciosa e já não fala. Suas faculdades intelectuais se reduzem e torna-se impossível recordar o que foi ontem. Doem-lhe todos os ossos. A ocupação a que outrora se entregara com prazer, só a realiza agora com dificuldade e desaparece o sentido do gosto. A velhice é a pior desgraça que pode acontecer a um homem.

Ptah-Hotep descreve a velhice considerando apenas os aspectos biológicos da idade. Nessa perspectiva o envelhecer não é uma parte prazerosa da vida humana. Contudo, "a velhice não é uma desgraça" como é mencionado pelo filósofo egípcio no seu texto. Na Bíblia, o livro de Provérbios (16:31-33) apresenta o envelhecer como uma dádiva: "o cabelo grisalho é uma coroa de esplendor, e obtém-se mediante uma vida justa". A mesma ideia aparece no quinto dos dez mandamentos, encontrado no livro de Êxodo 20:12, que diz: "honra teu pai e tua mãe, a fim de que prolongues teus dias

na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá”. As duas passagens vêm a velhice como uma recompensa para quem vive de forma justa.

SOBRE A COMPREENSÃO DA VELHICE

Existe certa tensão na concepção de progresso e atraso. Para Beauvoir (1990, p. 18), por exemplo,

Definir o que é para o homem progresso ou regressão supõe que se tome como referência um determinado fim; mas nenhum é dado *a priori*, no absoluto. Cada sociedade cria seus próprios valores: é no contexto social que a palavra “declínio” pode adquirir um sentido preciso. [...] A velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural.

A partir dessa premissa observa-se que, para determinados povos, a questão do envelhecer não está somente ligada ao fator biológico, mas é também algo cultural. Rodrigues Neto, Gottgroy Junior e Alves (2019, p. 2) inquirim: “Pois se as etapas da vida são construções culturais de cada sociedade e de cada contexto histórico, então as particulares formas de representação dos períodos da vida dizem muito a respeito da organização de cada sociedade”. Nesse caso, as representações sobre a velhice ou sobre quando alguém passa a ser considerado velho, a posição social desses indivíduos e a forma como são tratados pelos mais jovens ganham diferentes significados em contextos históricos, sociais e culturais distintos (DEBERT, 1998, p. 8).

Dessa forma, a sociedade define o que é velhice. Por isso, quando alguém entra nessa fase, os conflitos, exigências e deficiências desse período fazem parte de uma concepção que é própria de sua cultura, não correspondendo jamais a um ponto de vista universal de velhice. A visão essencialista do que configura velhice não encontra correspondente nas sociedades mais desenvolvidas da atualidade. No entanto, não há como negar que as concepções sociais exercem uma grande influência sobre o sujeito. Como bem definiu Beauvoir (1990, p. 14): “o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence”.

Mas voltemos a Sólon com a sua afirmativa: “Eu não cesso de aprender, enquanto avanço na minha velhice”. Diversos povos corroboram essa concepção de envelhecimento do poeta, indo muito além e tendo um grande respeito pelos seus anciãos, colocando-os em lugar de destaque na sociedade, porque, para eles, essas pessoas são fonte de conhecimento e sabedoria.

Na China, [...] velhice é sinônimo de sabedoria e respeito à família, segurança dos anciãos, o que evidencia uma educação e cultura milenar (tradição) de cuidar bem de seus velhos que são considerados como pessoas de imenso valor na sociedade chinesa [...] No Japão [...] a velhice sempre foi e continua sendo vista, [...] sinônimo de sabedoria e respeito aos velhos. Estes são vistos, de fato, como pessoas de grande autoridade na sociedade japonesa. Dessa forma, a velhice e o envelhecimento humano, para os japoneses, são fenômenos naturais e inerentes à nossa espécie, que devem ser avaliados, cuidados e estudados com muita atenção pelos governantes, ressaltando que as pessoas idosas devem ser tratadas com carinho, amor, respeito e dignidade, devido à vasta experiência acumulada em suas existências (FLORES SOBRINHO; OSÓRIO, 2021, p. 176;178).

Na contramão desse pensamento temos a civilização espartana na Grécia antiga, que era uma sociedade preocupada em formar guerreiros visando ao aumento do seu poder militar. “Esparta efetivava uma educação rudimentar nos seus colégios militares, onde se aprendia a ler e escrever o básico e o necessário para a vida cotidiana, haja vista que se priorizava o corpo, visando transformar os jovens em guerreiros para as batalhas” (FLORES SOBRINHO; OSÓRIO, 2021, p. 179). Aqui, é o interesse bélico que leva à valorização da juventude, em detrimento da velhice. Por outro lado, em Atenas, conforme sugere Sólon, a velhice é vista como uma forma de amadurecimento para o aprendizado e a sabedoria, sendo que, por isso, o envelhecimento não é visto como um impedimento à aprendizagem.

Segundo Nomura (2020), o italiano Giuseppe Paternò, aos 96 anos de idade, tornou-se, em 2020, o homem mais velho de seu país a concluir um curso superior. O italiano nasceu numa família pobre e não teve oportunidade de cursar a faculdade na juventude. Entretanto, após ver os filhos adultos, decidiu realizar o sonho que carregava consigo desde a infância. Ingressou, portanto, na Universidade de Palermo, na Sicília, e cursou, durante três anos, o curso de História e Filosofia, conseguindo se formar com notas altas e honras junto com três netos.

Essa história de superação indica que a educação formal não é exclusiva para jovens. Apesar da existência de inúmeros estigmas que rodeiam a terceira idade no que diz respeito ao aprender na velhice, é possível sim cursar o ensino básico e superior e ir além do que é pressuposto pela sociedade para a pessoa de mais idade. No contexto do Brasil, a Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003 estabelece os direitos do idoso, e nela estão previstas punições aos que os violarem, dando à terceira idade uma maior qualidade de vida. No seu art.21, está previsto que: “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados” (BRASIL, 2003). Ou seja, o estado tem a obrigação de oportunizar ao cidadão idoso o acesso à educação formal adequada ao seu contexto, de forma que ele tenha condições de estudar e aprender o que está sendo proposto.

Contudo, fazendo uma análise sobre “o ser idoso no Brasil”, chega-se à conclusão de que a velhice é um “fardo”, considerando-se os diversos tipos de exclusão sofridos pelos idosos. Refletindo sobre essa questão, Oliveira, Scortegagna e Silva (2016, p. 135) declaram:

O idoso na sociedade brasileira ainda é alvo de inúmeras discriminações em diferentes aspectos, como familiar, econômico, no mercado de trabalho, social, entre outros. Este paradigma preconceituoso da velhice que foi solidificado e cultivado na sociedade brasileira lentamente é desconstruído pelas políticas públicas, pelos idosos e pela sociedade como um todo, sendo substituído pelo Paradigma do Envelhecimento Ativo. A educação assume papel preponderante na disseminação desta nova visão da velhice, pela inclusão social do idoso. O conhecimento é um instrumento eficiente e necessário para o empoderamento, em especial, para os idosos, na tentativa de superar os desequilíbrios sociais.

Nesse sentido, o conhecimento é uma ferramenta fundamental na luta pelos direitos, na busca por uma sociedade mais inclusiva. Costuma-se dizer que a educação é a principal arma do pobre para “vencer na vida”. Com o idoso, não é diferente. A educação pode se tornar sua principal defesa contra os estigmas sociais e a exclusão. Aponta-se, portanto, para a importância da educação no desenvolvimento da capacidade cognitiva da pessoa idosa. Segundo Veras (*apud* BÚFALO, 2013, p. 208),

A educação seria facilitadora para manutenção da capacidade funcional do idoso e no envelhecimento com qualidade de vida. A educação para o envelhecer estaria atrelada à saúde, no sentido de promover maior acesso a cuidados médicos, estimulando comportamentos saudáveis e atividades mentais e cognitivas para a prevenção de doenças, como o Mal de Alzheimer.

A partir dessa perspectiva, a educação não estaria limitada a apenas meio de luta contra os estereótipos e a exclusão social. Ela seria um meio de preservar a saúde mental das pessoas idosas. Num país onde a expectativa de vida da população está cada vez mais alta, investir, incentivar e ter políticas públicas voltadas para atender a educação formal na terceira idade é de suma importância.

CONCLUSÃO

A conclusão a que se chega é a de que pessoas com idade mais avançada, quando se propõem a estudar formalmente, têm a vantagem da experiência, que as levará a aproveitar melhor o que lhes for proposto, pois carregam uma vasta bagagem. Por sua vez, a imaturidade dos jovens na fase estudantil se contrapõe aos conhecimentos e vivências das pessoas mais maduras que, geralmente, chegam aos objetivos pretendidos com menos ansiedade.

Pode-se dizer, então, que o sofrimento não está em aprender; pelo contrário, aprender algo novo é bom, magnífico, não importando a idade. A causa do sofrimento está

no preconceito enraizado da sociedade, fruto dos padrões sociais e interesses capitalistas que insistem em limitar as capacidades de alguém com base em sua idade. Essa é uma importante razão de sofrimento para quem envelhece e se sente limitado por preconceitos e estereótipos que impedem que aumente seus conhecimentos enquanto envelhece.

Em última análise, conclui-se que a educação liberta o indivíduo das amarras impostas pelos preconceitos. A declaração de Sólon: “Eu não cesso de aprender, enquanto avanço na minha velhice”, deve ser apreciada mais do que nunca, porque viver é um aprendizado constante. Limitar-se e dar ouvidos ao que as pessoas pensam ou acham sobre o processo de envelhecimento vai apenas promover sofrimento desnecessário.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução: Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRASIL. Estatuto do idoso: **Lei Federal nº 10.741**, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

BÚFALO, K. S. Aprender na terceira idade: educação permanente e velhice bem-sucedida como promoção de saúde mental do idoso. **Kairós Gerontologia**, v. 16, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/18533>. Acesso em: 01 dez. 2021.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, Guita Grin (Org.). **A antropologia e a velhice**: textos didáticos. 2. ed. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. p. 7-28.

FLORES SOBRINHO, Marcelo H. J.; OSÓRIO, Neila B. A interpretação da velhice da antiguidade até o século XXI. **Nova Revista Amazônica**, v. IX, n. 1, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/issue/view/463/showToc>. Acesso em: 21 ago. 2022.

NOMURA, Leandro. Aos 96 anos, italiano se torna o mais velho do país a se formar em universidade. **CNN Brasil**. São Paulo, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/aos-96-anos-italiano-se-torna-o-mais-velho-do-pais-a-se-formar-na-universidade>. Acesso em: 20 nov. 2021.

OLIVEIRA, Rita de C. S.; SCORTEGAGNA, Paola A.; SILVA, Flávia O. A. O idoso na universidade: inclusão, educação e extensão universitária. **Olhar de Professor**, v. 19, n. 2, julho-outubro, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/684/68459741002/68459741002.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

RODRIGUES NETO, José C.; GOTTGTROY JUNIOR, Sérgio S.; ALVES, Isac A. **Diversas formas de se enxergar a velhice**. **Anais do VI CIEH**. Campina Grande: Realize, 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/53481>. Acesso em: 24 ago. 2022.

SANTOS, Silvana S. C. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. **Revista Rene**, v. 2, n. 1, jul.-dez., 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/5837>. Acesso em: 10 out. 2021.